

Perspectiva de estudo da memória e identificação nas obras: *Memórias Inventadas*, de Manoel de Barros

Doutoranda Ana Claudia Duarte Mendes¹ (UEMS/ P.G. UEL)

...

Resumo:

*Apresentar as perspectivas de estudo dos aspectos da memória e de identificação, presentes na obra de Manoel de Barros, com especial destaque aos livros poéticos: **Memórias Inventadas: a primeira infância** e **Memórias inventadas: a segunda infância**. Ao observar as imagens que formam o tecido poético, percebemos a possibilidade de analisar a questão da memória coletiva e individual. Ao estudar esse processo pensamos o conceito de identificação, pois percebemos a relação de pertencimento ao lugar, o Pantanal, que recriado pela poesia se apresenta enquanto diálogo entre o local e o universal, uma vez que esta produção poética, no momento em que olha para si, fala do universo que a cerca, do chão, do outro e de outros mundos e leituras.*

Palavras-chave: poesia, memória, identificação,

Introdução

Estudar a obra de Manoel de Barros, no tocante aos aspectos da memória, nos permite olhar o processo de construção e de apresentação de um universo que nos diz sobre o outro, sobre a identificação com uma região, nas imagens recorrentes que compõe o tecido dessa produção poética.

Manoel de Barros, nascido em Cuiabá, residente em Campo Grande, crescido no pantanal sul-mato-grossense, poeta que elege como matéria de sua poesia os loucos, as coisas sem importância, “tudo aquilo que a nossa / civilização rejeita, pisa e mija em cima, /serve para a poesia” (BARROS, 2001. p.13) criador de **desobjetos**, revela no tecer de sua obra a consciência plena acerca do trabalho poético.

Sua obra propiciou estudos da questão da linguagem, pois carregada por expressões regionais reestruturadas, transforma-se, eleva-se à condição de discurso poético. Segundo esses estudos o poeta dá-nos a conhecer, a partir da linguagem, o mundo pantaneiro:

Observa-se que Manoel de Barros utiliza, em sua poética, expressões advindas do linguajar do homem pantaneiro, fato que contribui para que a cultura regional seja conhecida por um público maior que aquele definido pelos habitantes do Pantanal e seu entorno. Nesse sentido, a poesia serve também para fixar um retrato que se prestará ao auto-reconhecimento identitário de toda uma população. (MARINHO, 2002. p.62)

O poeta se insere na literatura brasileira compondo poesia que carrega em seu discurso traços de um falar que pode ser considerado regional: a fala pantaneira transformada, mitificada, que representa o processo profundo de (re) organização e valoração do universo pela palavra.

Quando se observa a obra poética, na qual a linguagem, para se estruturar olha para si mesma, e assim melhor representa o mundo, que se desagrega. Percebe-se que essa lírica apresenta-se em consonância com o discurso moderno, uma vez que se estrutura na dissonância, característica apontada por Friedrich, quando destaca o trabalho consciente com a linguagem e a tensão por ultrapassá-la, e aponta esses elementos como próprios da modernidade:

Essa tensão dissonante da poesia moderna exprime-se ainda em outro aspecto. Assim, traços de origem arcaica, mística e oculta, contrastam com uma aguda intelectualidade, a simplicidade da exposição com a complexidade daquilo que é expresso, o arredondamento lingüístico com a inextricabilidade do conteúdo, a

precisão com a *absurdidade*, a tenuidade do motivo com o mais impetuoso movimento estilístico. (FRIEDRICH, 1978. p. 16)

Os traços de linguagem arcaica misturam-se com mitos e, ao mesmo tempo, com um vocabulário erudito, revelando uma intelectualidade a serviço da aparente simplicidade, na qual as imagens evocadas ordenam a nova ordem do discurso. Estes elementos, sempre presentes na obra de Manoel de Barros, atestam a complexidade do discurso poético.

1 As memórias: coletiva e individual

As publicações, em 2003 do livro intitulado **Memórias inventadas: A infância**, e em 2006 de **Memórias inventadas: a segunda infância**, possibilitam imaginar o estudo da poética de Manoel de Barros sob o olhar da memória. Uma vez que essas obras trazem explicitamente a idéia de lembrança, tanto no título quanto em seu formato, os livros foram feitos em forma de caixa, indiciando algo acerca de guardados, com os poemas distribuídos em folhas soltas enfeixadas e amarradas por fita, que nos lembram daquilo que por alguma razão não jogamos fora – o indicativo do lembrar, que percorre as veredas da infância narrando e apresentando um universo poético que descortina o homem.

A partir dessas duas publicações, pensamos em discutir a questão da memória, observando que esta percorre o conjunto da obra de Manoel de Barros, uma vez que, ao compor os poemas destes dois livros, o poeta parece estar cozendo uma colcha de retalhos em que fragmentos de imagens presentes em outros dos seus textos poéticos são alinhavados e formam a consciência do lembrar, que não é apenas do universo discursivo da infância vivida e relatada, mas da construída ao longo do projeto poético, no qual ficam aparentes as marcas dos diálogos entre as obras e as leituras de mundo do poeta, seu (re)fazer no entretecer do discurso.

O poeta mostra-se em vários momentos consciente desse processo de composição, no qual encontramos os traços que o caracterizam como poeta moderno, quando percebemos que seus poemas apresentam o que Friedrich chama de tensão dissonante, e instalação do estranhamento da linguagem:

A poesia quer ser, ao contrário, uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos. (1978. p.16)

A partir da percepção dessa construção dissonante do discurso, nas duas obras que trazem como epígrafe introdutória a frase: **tudo que não invento é falso**, buscaremos encontrar os elementos que formam a consciência do lembrar, e para tanto precisamos nos apoiar em teorias que nos ajudarão a pensar o conceito de memória e seu desdobramento em uma formulação de identificação cultural.

Ao perceber o processo de construção poética, e destacar deste a questão da memória, que dialoga com o falar regional e revela o homem, consideramos o percurso do olhar que se volta ao passado: “O ato de olhar significa um dirigir a mente para um “ato de in-tensionalidade”, um ato de significação”(BOSI, 2006. p.65), dessa forma, entendemos que o lembrar seria a recuperação das imagens passadas, a partir da perspectiva de quem vê, daquele que percebe o mundo que o cerca, e sua atribuição de sentido às imagens visitadas.

Nesse procedimento consideramos o olhar percebido na sua dupla possibilidade, em um processo interno que o caracteriza, e no externo que o expressa, então entendemos que este não está totalmente independente, então, esse olhar, que é individual e coletivo, compõe os poemas que estudaremos.

Ao trabalhar conceitualmente com a memória, adotaremos procedimentos metodológicos que dão conta de esclarecer o processo de lembrar nas perspectivas individual e coletiva. Para tanto, cabe apresentar as teorias que darão respaldo ao nosso trabalho com o olhar, a memória individual e a memória coletiva.

No trabalho com a memória individual, elegemos os estudos de Henri Bergson (1859-1941), filósofo e escritor francês que trata da relação entre a matéria (corpo) e o espírito (mente). Na perspectiva de estabelecer como o corpo funciona e o que significa espírito, o autor faz uma importante análise do funcionamento do cérebro, estabelecendo os conceitos sobre memória que sustentarão o que este estudo chama de percepção interna. Estas reflexões estão presentes no livro **Matéria e Memória**, que será consultado na tradução de sua segunda edição de 1999, realizada por Paulo Neves.

Para Bergson, a **duração** consiste justamente no processo de perceber o presente imediato, o passado e o futuro, concentrados em alguns segundos de anulação da ação atual, para a expressão do todo, que não conhece fronteiras entre o tempo, nem responde – unicamente – às necessidades da atualidade. Então, caberia à **memória pura** armazenar as lembranças do que aconteceu, sem que estas sofram modificações ou interferências, tornando-se presentes para atender ao chamado que parte da evocação atual.

O filósofo considera que a memória, ao atender ao apelo da percepção do presente, atualiza-se e, ao introduzir-se no momento atual, desloca essa percepção, alterando-a, provocando a sensação da duração. As imagens do passado deslocam as do presente, rompem com a percepção atual da realidade, provocando, deste modo, a sensação da totalidade do conhecimento, que embora breve, aproxima as lembranças da realidade próxima às do passado longínquo – permanecendo não apenas a dimensão do que é útil, mas de plenitude.

O conceito de memória pura, no estudo da construção do texto poético, serve de suporte para a percepção do que seja a imagem, conceituada por Paz (1982) como a possibilidade de aproximar e conter opostos, de traduzir em palavras matéria e espírito – conservados em essência. A imagem não traduz, apresenta a realidade não redutível, justapondo os tempos e transformando o plural em uno, sem que se perca nada de sua diversidade. Contém o instante e – neste – todo o tempo. Dessa forma, o poema ao encarnar a imagem – através e pela linguagem – cria uma realidade própria, pois supera a limitação da palavra ao não se apoiar na dicotomia do ser ou não ser.

A poesia parece escapar à lei de gravidade da história porque nunca sua palavra é inteiramente histórica. Nunca a imagem quer dizer isto ou aquilo. Antes sucede o contrário, como já se viu: a imagem diz isto e aquilo ao mesmo tempo. E mais ainda: isto é aquilo. (PAZ, 1972. p. 56)

Esta afirmação da imagem que traduz o isto e o aquilo, no mesmo ponto, nos aproxima dos estudos de Bergson, e pensamos a poesia e a memória duração, e consideramos o fazer poético como superação do tempo, processo em que a consciência do tempo se perde, momento em que o passado se encontra com o presente, e as imagens do ontem e do hoje se tornam unas.

Quando Manoel de Barros resgata o tempo da infância, o tempo sem tempo, pois o presente é atravessado pelo passado, num jogo constante, a partir de uma consciência do trabalho de tecer a palavra poética que “atravessa a norma”, num mostrar e encobrir, percebemos que a memória ali se apresenta enquanto imagem, é a linguagem que busca o que o poeta chama de **despalavra**.

Esse poderia ser o caminho único a ser considerado, se pudéssemos pensar a poesia livre da estrutura da linguagem, que tem existência num determinado tempo e espaço como e se pudéssemos isolar o indivíduo, mas apesar de reconhecer a existência de uma consciência individual, não se pode negar que os grupos sociais também influenciam o olhar.

O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. (PAZ, 1972. p. 55)

Diante de tal afirmativa, buscaremos o conceito de memória coletiva, presente nos estudos de Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês, professor de psicologia social do Colégio de França. Os estudos que interessam especificamente a este trabalho estão no livro editado postumamente: **Memória coletiva** – traduzido por Laurent Leon Schaffter e publicado pela editora Vértice, em 1990, e que aborda a questão da memória sobre a perspectiva do fazer coletivo.

Segundo Halbwachs lembrar é trabalho, a evocação do passado não é simples imagem a ser visitada, pois envolve o processo de carregar a percepção do fato ocorrido na época, atualizando-o, modificando-o, para a atividade do presente. Condicionada, dessa forma, pela consciência atual do indivíduo, a lembrança, neste revisitar, sofrerá a interferência da visão de mundo atual. A vigilância da consciência do presente disciplina a lembrança e a apresenta de forma aceitável, de acordo com as idéias atuais e os juízos de valores do momento presente.

O indivíduo que lembra nunca está sozinho, permeando sua consciência está o grupo social ou grupos sociais aos quais pertence, e sua lembrança será delimitada pelas práticas destes grupos, podendo até sofrer alterações no processo de lembrar, pois a lembrança só terá existência caso tenha uma função e pode ser modificada para atender às necessidades atuais.

Ao pensar acerca da memória coletiva e a poesia de Manoel de Barros, observamos que o poeta está freqüentemente evocando memória de leituras e vivências com o grupo, num processo dialógico em que ocorre um ir e vir, e os traços de obras anteriores continuam a percorrer sua obra, permeada de referências a imagens já visitadas.

O poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas ao falar-nos de todos estes sucessos, sentimentos, experiências e pessoas, o poeta nos fala de *outra coisa*: do que está fazendo, do que está sendo diante de nós e em nós. E mais ainda: leva-nos a repetir, a recriar o poema, a nomear aquilo que nomeia; e ao fazê-lo, revela-nos o que somos. (PAZ, 1972. p. 57)

Então temos a perspectiva de um indivíduo que lembra dentro de um determinado contexto e não outro, de uma perspectiva que também é histórica, a lembrança não se dá de forma isolada, mesmo que inventada, pois se assenta em um determinado momento de um determinado grupo social.

2 A identificação enquanto processo

Aqui importa fazer algumas considerações acerca da identificação: por estar utilizando o conceito de memória coletiva, como inerente à formação da consciência, portanto, parte de um processo contínuo, mutável, conveniente, assentado no presente e na função imediata que a lembrança possa ter, já deixa claro que se pensa aqui no processo de construção da lembrança. Pensa-se na identificação como ponto de referência do ser em relação ao outro, ao grupo.

Nesse sentido, interessa abordar os questionamentos apresentados por Hall, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, ao propor que no tocante à identidade, seria mais apropriado falar em identificação, uma vez que esta é formada ao longo do tempo, em processos inconscientes, sempre em novas formulações, incompleta, pois em contato. (2005, p.38-39).

Novamente, como apontado acima, no que se refere à memória individual e coletiva, pensamos a formação da identidade individual enquanto construção no processo dialético que faz com que a imagem do “eu” reflita a do outro.

Trata-se, pois de apreender a identidade como uma entidade que se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio – visão do espelho, incompleta – e o olhar do outro ou do outro de si mesmo – visão complementar. (BERND, 2003. p.17).

Contrapondo-se ao conceito estático de identidade, assentado na necessidade de afirmação de um “caráter nacional”, pela construção da tradição, que é estabelecida para se destacar a “cultura” de um determinado grupo social dominante em detrimento de outro. A tradição estabelecida ou inventada é

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.(HOBSBAWM, 1997. p.9)

O estabelecimento da tradição pela aceitação de práticas e valores e normas de comportamento, que permeiam a consciência do ser, faz com que se questione a função reguladora do que se entende por cultura.

Essa formulação vem ao encontro do que estudamos acerca de pertencimento aos grupos sociais, discutidos por Halbwachs, e assim dar conta da diversidade de grupos a que se pode pertencer ao longo do tempo. Considerar isso é importante ao pensar a proposta de estudo em que questionaremos acerca do Pantanal sul-mato-grossense e do homem pantaneiro presentes na obra de Manoel de Barros, como esta se dá e, principalmente, como podemos entender esse universo que é inerente à essa produção poética.

Em meio à percepção de que a identificação é processo contínuo de construção, assim como a memória é trabalho - pois sua evocação responde ao chamado do presente, sendo atualizada para a ação - encontram-se as aproximações possíveis, estas considerações apontam para a percepção dos traços que formam o mosaico da consciência do ser. Considerando que

A experiência poética – original ou derivada da leitura – não nos ensina nem nos diz nada sobre a liberdade: é a própria liberdade desdobrando-se para alcançar algo e assim realizar, por um instante, o homem. (PAZ, 1972. p.58)

Assim iniciamos o estudo da poesia de Manoel de Barros a partir dos pressupostos da memória e a busca por encontrar o homem, os traços regionais que permeiam todo o fazer poético das obras estudadas.

Referências Bibliográficas:

- [1]BARROS, Manoel. **Poemas concebidos sem Pecado**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- [2]_____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- [3]_____. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- [4]_____. **Matéria de poesia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- [5]BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- [6]BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- [7]BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do olhar**. In: NOVAES, Adauto. O Olhar. [et al.] 11ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- [8]FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna** : da metade do século XIX a meados do século XX; tradução do texto por Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. Da Silva. São Paulo ; Duas Cidades,1978.
- [9]HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A. 1997.
- [10]HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice.1990.
- [11]HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10ª . ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- [12]MARINHO, Marcelo. **Manoel de Barros: o brejo e o solfejo**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Dom Bosco, 2002.
- [13]PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

Autor(es)

¹ **Ana Claudia Duarte MENDES**. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Doutoranda na Universidade Estadual de Londrina (UEL)
anaclaudiadm@gmail.com